

MÚSICA

11 DEZEMBRO 2015

Dhafer Youssef

Birds Requiem

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Oud, voz Dhafer Youssef Piano Kristjan Randalu
Contra baixo Phil Donkin Percussão Ferenc Nemeth

Sex 11 de dezembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h15 · M6

Como o voo dos estorninhos

Não é apenas em *Birds Requiem*.

A música de Dhafer Youssef lembra-nos, toda ela, os voos sincronizados dos estorninhos, quando por alturas do Outono chegam a Lisboa em formações de centenas ou milhares de indivíduos, ondulando pelo ar em ordenada conjugação, como se se tratasse de um único organismo. Esse espetáculo anual é de harmonia, e vindo de um músico tunisiano que toca *oud*, o tradicional alaúde árabe que, ao contrário do seu parente europeu, tem um papel exclusivamente melódico, define bem não só o conceito de grupo do também vocalista, que é profundamente harmónico, como até a espiritualidade que nele se revela.

Repare-se nas próprias palavras de Youssef: «É como se se controlasse menos o corpo do que a alma. Sinto mais a alma do que o corpo. Saio do planeta. É como se estivesse a voar. Estou sempre à procura de novas maneiras de o fazer, caso contrário ficaria preso no meu corpo. Preciso de me abrir. Se estou à mesa, tenho de me tornar num copo. Se estou na floresta, necessito de ser uma planta – ou uma serpente, se quiser, mas prefiro ser uma planta.»

Ouvindo-o, não pensamos só nas nuvens de pássaros que anunciam a queda das folhas das árvores, mas também os *dervishes* da tradição sufi, rodando sobre si mesmos com os seus longos vestidos a desenharem círculos no espaço, círculos que rodopiam e nos deixam hipnotizados. A identidade musical de Dhafer Youssef está no misticismo sufi e as estruturas de

cada composição sua reproduzem as da música de transe dessas cerimónias. Mas ainda que haja um maior sentimento religioso em Youssef do que em Anouar Brahem e Rabi'h Abou-Khalil, as duas mais conhecidas figuras do Médio-Oriente que foram atraídas pelas formas do jazz (uma imagem que perdura no imaginário de quem assina estas linhas: o tresloucado Thelonious Monk a girar de braços abertos, com os olhos postos no alto como um *dervishe*, num aeroporto da Europa, tal como consta num documentário transmitido pelo canal televisivo Mezzo), o certo é que este não se considera um devoto.

«Cresci na tradição islâmica e ainda tenho esse sentido de misticismo. Para mim, a música é isso. Na Tunísia há várias correntes do sufismo, não apenas uma. Aquela de que saio diz que tudo o que fazemos é uma dedicação a Deus. Como quando uma dançarina levanta a mão, procurando Allah. O certo, porém, é que se eu fosse sufi não estaria aqui. Estaria na Tunísia, vivendo apenas para Deus. Penso, no entanto, que se Deus me criou foi para me dar a oportunidade de decidir por mim mesmo como proceder, e eu decidi ser músico», comentou já Youssef a propósito.

É por isso, aliás, que além de cantar os escritos sufi de Al-Hallaj e Rumi, Dhafer Youssef utiliza igualmente as odes a Baco de Abu Nawas, poeta que provocou escândalo entre os muçulmanos devido aos temas que escolhia, como o amor pelos rapazes, a masturbação, a sexualidade feminina e o inebriamento pelo álcool. Simplesmente, Youssef aprecia um bom vinho e, para

todos os efeitos, toca música profana, apesar de todos os elementos sacros que a mesma contém. Algo que não se esperaria de um menino nascido numa família de *muezzins*. Na aldeia piscatória em que vivia, Teboulba, o seu pai, o seu avô, o seu bisavô, os seus tios tinham como cargo chamar o povo à oração, subindo ao minarete da mesquita local. Ele também chegou a fazê-lo ainda criança, mas para descobrir o incrível poder da sua voz e para experimentar inéditas soluções por aquelas paragens, a exemplo do microfone de plástico que lhe transformava a sonoridade das palavras. Quem o ouvia sentia um arrepio na espinha, tão belo e simultaneamente tão estranho era o seu canto. Atualmente, quando recorre ao falseto, é ainda esse miúdo que permanece.

Sair da Tunísia para satisfazer a enorme curiosidade que o movia e aprender mais levou-o a Viena, a Paris até a Nova Iorque. Na metrópole norte-americana não ficou muito tempo, pois aconteceu o 11 de setembro e o ambiente tornou-se irrespirável para quem era de origem árabe, avaliando-se a propensão para atos terroristas pelo tom da pele. Nesse curto período pôde, no entanto, travar conhecimento com uma das suas grandes referências, Jon Hassell, e com ele viria a colaborar várias vezes em disco e nos palcos. De certo modo, o que Youssef faz é também, como os enigmáticos híbridos do trompetista, uma música do “quarto mundo”. Na Áustria, pelo contrário, abriram-se-lhe todas as portas...

Foi aí que viu o primeiro piano e ouviu melhor a música turca e também

a da Índia do Norte, que tanto o marcou. Foi aí, ainda, que encontrou os discos de Arvo Pärt, compositor também ele de invulgar cunho espiritual, no seu caso derivado da influência do cristianismo ortodoxo. E foi aí que começou a tocar com músicos de jazz. Gerhard Reiter, Wolfgang Muthpiel, Otto Leichner, Achim Tang, Mino Cinelu, Nguyen Lê, Markus Stockhausen (que lhe disse ter tido com ele, de imediato, um entrosamento que só com meia dúzia de meses de ensaios conseguia trabalhando nas óperas do pai, Karlheinz Stockhausen) e vários outros surgiram ao seu caminho.

Para a definição do estilo que tem hoje faltava fazer outra descoberta, e esta foi determinante no seu percurso: a do jazz nórdico de confeção eletroacústica, aquele que se ouve em catálogos discográficos como os da ECM, da Rune Grammofon ou da Hubro. As suas associações com Nils Petter Molvaer, Arve Henriksen, Bugge Wesseltoft e, sobretudo, Eivind Aarset revelaram-se fundamentais. De resto, foi com o último como braço direito, um louriíssimo guitarrista e manipulador de eletrónica, que gravou *Birds Requiem*. Apresentou este, em 2013, como segue: «É a banda sonora de um filme imaginário, um filme sobre duas entidades, eu próprio e a alma errante de que ando continuamente à procura. Simboliza a ideia de desaparecimento do corpo e do vaguear da alma, refletido pelo voo das aves.»

No centro está a voz, mas Youssef não consegue distinguir esta do *oud*. Afirma, inclusive, que uma e o outro «são da mesma cor»: «A minha voz é um ins-

trumento como os demais e por sua vontade chegar a novos sons. A sua capacidade não tem limites, mas vejo o *oud* como uma extensão dela e vice-versa. De qualquer modo, não gosto do termo “novo” – não se trata de perseguir a novidade, porque na verdade este é um processo de descoberta permanente, de ir até ao mais fundo de mim e partilhar o que encontro.»

O *requiem* dos pássaros que nos vai apresentar não é o mesmo que está no CD editado há dois anos. Não é, sequer, aquele que apresentou sem as participações, fulcrais no álbum, dos turcos Hüsnü Senlendirici e Avtaç Dogan, mas com a adição da London Symphony Orchestra. Nesta ocasião, a guitarra fortemente processada, o computador e os muitos dispositivos de tratamento de som de Aarset não estão envolvidos. Trata-se de um quarteto acústico, com a típica, no jazz, secção rítmica de piano (Kristjan Randalu), contra-baixo (Phil Donkin) e bateria (Ferenc Nemeth). A música surge mais despida, mais crua, dispensando os paisagismos “samplerados” e sintetizados a que a sua obra registada nos habituou. Aí está o motivo de não ter havido entretanto mais um disco de Dhafer Youssef: *Birds Requiem* é uma *suite* em reconstrução, tomando em cada conjuntura diferentes configurações. Tal e qual como fazem os estorninhos e porque, afinal, este descendente de pescadores nunca sabe exatamente o que vai sair da sua garganta, caracterizando-se como um «músico do momento», alguém que age diante do público como se «fosse morrer logo a seguir».

Assiste-lhe, agora, um propósito: aproximar-se «da alma da música, das notas e do silêncio», o que implica haver não só «menos tecnologia» como «menos virtuosismo instrumental». E provavelmente, até «menos jazz», sendo que, para todos os efeitos, Youssef nunca se preocupou com rótulos. O que mais lhe importa, nesta fase da sua vida, é «regressar às raízes», sabendo, porém, que a sua criatividade «está na Europa»...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*



Dhafer Youssef

Tocador de *oud*, vocalista e compositor, nasceu em 19 de novembro de 1967, numa família modesta, originária de Teboulba, aldeia de pescadores do centro-este da Tunísia, descendente de uma longa linhagem de *muezzins* (os que emprestam a sua voz que ressoa do alto dos minaretes, convidando os fiéis à oração; antes, subiam longas escadas, agora, com altifalantes e gravações, já não precisam).

O controlo da voz é uma herança que recebeu. Desde muito novo que o avô o iniciou no recital corânico. Foi assim que começou a descobrir o potencial da sua voz. Foi assim que nasceu uma vocação.

Fora dos bancos da escola e da disciplina que lhe impunha o avô, Dhafer deixava a sua voz aventurar-se tentando reproduzir os cantos difundidos pela telefonia da sua mãe. A cozinha da mãe foi o seu primeiro espaço de experimentação. Desde os seis anos de idade que aí descobriu o eco da sua voz e as ressonâncias que produzia. Lembra-se de passar horas no *hammam* (banhos públicos) da aldeia a cantar. As reverberações que a sua voz produzia naquele espaço cavernoso fascinavam-no.

Entusiasmado pela beleza da voz do rapaz, o *muezzin* do bairro entusiasmou-o a gravar um chamamento à oração, numa cassete, para a mesquita da aldeia. Dhafer assim fez, registando o seu apelo num gravador de plástico. As ressonâncias ganhavam altitude. Foi o primeiro encontro com os seus ouvintes, uma experiência que o marcou

para a vida, que nunca esqueceu apesar dos álbuns gravados em estúdio e das centenas de espetáculos que apresentou nos quatro cantos do mundo.

Alguns anos mais tarde, integrou como solista o grupo local de canto litúrgico, mas não tardou a aborrecer-se por causa da politização progressiva das atividades do grupo. Deixou de frequentar os lugares de culto e foi na Casa dos Jovens de Teboulba que se iniciou no *oud* e depois no baixo elétrico. A seguir às melodias árabes veio o *groove* (palavra com vários sentidos; aqui usada como música cativante, que dá vontade de dançar). Esta viragem proporcionou-lhe um outro mundo, os das festas de casamento da sua aldeia, antes de integrar a Trupe da Rádio Monastir. Foi o fundador desta orquestra, Meshad Souli, violinista, membro da trupe nacional tunisina e professor de música na escola secundária de Teboulba, que o escolheu.

Desejando conhecer novos horizontes, Youssef mudou-se da sua aldeia para a capital. Em Tunes inscreveu-se no Conservatório de Nahj Zarkoun. Insatisfeito com a qualidade do ensino, saiu do seu país para a Áustria, com a ambição de aí completar a sua formação musical. O ambiente criativo do multiculturalismo vienense permitiu-lhe descobrir um mundo com possibilidades diversas. Multiplicou os encontros. Começou a estudar musicologia, mas depressa se deu conta que a formação académica não o interessava. Seduzido pelo jazz e por outras “músicas do mundo”, como a indiana, frequenta o circuito dos bares que apresenta-

vam música ao vivo, multiplicando as presenças em *jam sessions* (sessões musicais muitas vezes abertas à participação de músicos de passagem) e em encontros vários, até que conheceu Gerhard Reiter. É com este percussionista austríaco que formou o seu primeiro grupo, Zeryab.

Em 1996, aos 29 anos, as múltiplas descobertas e experiências em Viena deram origem ao seu primeiro disco, *Musafer* (*O Viajante* em árabe), com um conjunto de músicos vindos de vários países, de várias tradições musicais. Este projeto foi apresentado, com ótimo acolhimento, num clube de Viena de renome, Porgy and Bess. O clube ofereceu-lhe “carta-branca” e com ela Youssef promoveu um ciclo mensal de concertos. Ao longo deste ciclo foi ganhando maturidade, como se veio a revelar no seu segundo álbum *Malak* (1998) para a editora Enja Records. A batida mediterrânica toma aqui uma cor particular, acolhendo as estruturas melódicas do jazz contemporâneo. A inclinação lírica manifesta-se com sutileza. Foi o início de uma identidade musical que contruiu, impregnada pelas suas origens sem cair no orientalismo típico.

Acompanhado à guitarra por Nguyen Lê, no trompete por Markus Stockhausen, Achim Tang no baixo e Patrice Herald na bateria, inicia uma carreira internacional. Incensado pela crítica fez o circuito dos palcos europeus com sucesso, voltando ao estúdio em 2001 para gravar um novo disco para a Enja, *Electric Sufi*. Foi a sua primeira experiência discográfica com a música

eletrónica. O *cocktail* sonoro é inebriante. Fruto do seu interesse obsessivo pelas ondulações vocais e pelas ressonâncias sonoras, a música *jazzy* de *Electric Sufi* tornou-se terreno fértil para que a voz de Dhafer se aventurasse na experimentação e se afirmasse por inteiro como um instrumento, com a mesma, ou maior, relevância dos outros.

Depois de mais uma digressão, voltou ao estúdio para gravar *Digital Prophecy*, em 2003. A experimentação intensificou-se, o resultado é ainda mais impressionante. A simbiose entre o *oud* e as sonoridades eletrónicas é mais fluida. Desta vez reuniu músicos notáveis do jazz escandinavo: Niels Pieter Molvaer (trompete), Bugge Wesseltoft (pianista), Eivind Aarset (guitarrista), Audun Erlien (baixo elétrico) e Rune Arnesen (bateria). Esta verdadeira ascensão sonora deu à música de Dhafer mais altitude. O *vibrato* da sua voz garante uma viagem sem aterragem. O álbum foi nomeado para os BBC Awards for World Music.

Depois destes encontros improváveis entre o *oud* e a música eletrónica, Youssef fixou-se num outro objetivo: introduzir mais instrumentos de cordas no seu universo criativo. O que foi levado a cabo no seu álbum seguinte, *Divine Shadows* (2005). O som é convicentemente palpante, sem perder o seu carácter aéreo. A espiritualidade afirma-se e manifesta-se sem complexos e bem longe dos estereótipos. A formação da banda reforçou-se com a chegada de Arve Henriksen e Marilyn Mazur, sem esquecer os companheiros do disco anterior Aarset, Erlien, Arnesen.

Também este registo foi nomeado para os BBC Awards for World Music.

Dhafer até aí tinha-se inspirado nos filósofos e poetas sufis. Neste novo projeto, foi buscar os textos de Abu Nawas, poeta persa do Século VII, conhecido pelas suas odes ao vinho, escritas num meio social muito conservador. *Abu Nawas Rhapsody* (2010) é o sexto álbum. Um manifesto musical a favor da queda das barreiras entre sagrado e profano. Acompanhado pelo pianista Tigran Hamasyan, o baterista Mark Guiliana e o contrabaixista Chris Jennings, *Abu Nawas Rhapsody* retoma a veia *jazzy*. O poder da voz de Dhafer insinua-se discretamente, vindo a dominar todos os outros instrumentos.

Sem abandonar a identidade artística forjada através de experiências e da permanente procura de novas sonoridades, Youssef transcende os géneros musicais. Foi assim que em 2011 convidou para um concerto em Ludwigsbourg, na Alemanha, Hüsnü Senlendirici, clarinetista, e Aitaç Dogan, tocador de *kanun* (instrumento de cordas dedilhadas usado no médio oriente, na Ásia central e no sudoeste da Europa, conhecido também por saltério).

Inspirado por esse encontro, Dhafer grava o seu mais recente álbum, *Birds Requiem* (2013), que está na origem do concerto desta noite. Construído como se uma banda sonora de um filme muito pessoal se tratasse, este álbum marca mais uma nova direção da música de Dhafer. Há dois anos que anda pelo mundo em concertos baseados no disco, percorrendo os melhores palcos.

A partir de: www.mybuzzprod.com/artists/Dhafer/index.html

Desidério Lázaro

Subtractive Colors

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa



Jazz Sex 8 de janeiro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

Saxofone tenor e soprano Desidério Lázaro

Saxofone tenor e alto, flauta João Capinha

Clarinete soprano e baixo Paulo Gaspar

Contrabaixo Mário Franco

Contrabaixo e baixo elétrico João Hasselberg

Bateria Luís Candeias

Em discos como *Rotina Impermanente*, *Samsara* e *Cérebro Estado Zero*, bem como nos concertos que foi dando de Norte a Sul, Desidério Lázaro impôs-se como um dos mais cativantes saxofonistas em terras portuguesas. Senhor de um som de saxofone possante, cheio e redondo, na melhor tradição do tenor, tem sido capaz de igualar em inventividade e criatividade um invulgar domínio das técnicas do seu instrumento. Com o seu mais recente álbum, *Subtractive Colors*, completou os seus dotes como instrumentista com uma superior qualidade na composição, servida por uma multiplicidade de recursos, com diferentes ambientes e possibilidades de enredo. Jovem ainda,

tornou-se num dos mais importantes músicos de jazz em atividade no País.

A formação que o acompanha é pouco usual, com três sopros, dois contrabaixos e uma bateria, associando uma visão contemporânea do jazz com influências que vão da música clássica contemporânea ao *funk*, à *soul*, ao *hip-hop*, ao rock e à pop, numa simbiose de estilos sempre com a sua marca de água, plena de ideias e personalidade. E se as composições são refinadas, as improvisações dos elementos do *ensemble* seguem a mesma exigência quando os temas dão lugar aos solos: a música levanta voo. *Subtractive Colors*, o novo projeto de Desidério Lázaro, é uma das melhores coisas que aconteceram ao jazz nacional na última década.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt